

O MESTRADO SUBDESENVOLVIDO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 09/10/91

O mestrado subdesenvolvido é o mestrado com ares ou pretensão a doutorado. É o mestrado brasileiro. A pós-graduação no Brasil enfrenta graves problemas, todos relacionados com uma concepção equivocada que seja um curso de mestrado. Primeiro problema: o tempo para conclusão do doutorado é no Brasil em geral mais do que dobro do que nos Estados Unidos. Forma-se um doutor nos Estados Unidos em cinco anos enquanto que no Brasil dez anos é um bom tempo. Quando o candidato consegue seu título, seu período mais produtivo para pesquisas já passou. Segundo: o número de candidatos que abandonam os programas de mestrado é muito grande. A pós-graduação no Brasil é uma história de insucessos pessoais. Em 1989 e 1990 havia, respectivamente, 38.200 e 41.400 inscritos em cursos de mestrado e doutorado; em 1990, apenas 5.800 obtiveram títulos. Terceiro: os cursos de pós-graduação não formam profissionais de maneira eficiente. Os cursos de especialização que teriam essa finalidade não conseguem se afirmar no país.

Embora possamos encontrar outras causas para estes problemas, sua causa fundamental é uma definição estreita do que seja o mestrado. A CAPES, o Conselho Federal de Educação e a comunidade acadêmica em geral entendem que o mestrado é um curso destinado a formar professores universitários e pesquisadores, devendo, por isso, incluir a redação de uma dissertação. Adicionalmente o mestrado é geralmente visto como uma etapa do doutorado. A formação de profissionais caberia aos cursos de graduação, e, a nível de pós-graduação, aos cursos de especialização.

O Parecer 977/65 do Conselho Federal de Educação, que regulamentou originalmente a pós-graduação no Brasil, distingue claramente dissertação de mestrado de tese de doutorado. Mas no Brasil nenhum aluno de mestrado está escrevendo uma dissertação, ele afirma sempre estar trabalhando em sua "tese". Por outro lado esse parecer não exige o título de mestre para o candidato poder inscrever-se no doutorado. Mas, na prática, apenas alguns departamentos da USP aceitam candidatos diretamente para o doutorado. Não é por acaso que isto ocorra precisamente na mais importante universidade brasileira.

Os cursos de mestrado foram uma importação cultural dos Estados Unidos. Uma boa importação, porque realmente era necessário desenvolver os cursos regulares de pós-graduação no Brasil. Mas a importação foi mal feita. O transplante cultural foi realizado de forma subdesenvolvida, no momento em que se exigiu uma dissertação de todos os candidatos a mestre e se imaginou que os mestrados eram cursos essencialmente acadêmicos, que levariam, finalmente, ao doutorado. Nos Estados Unidos os mestrados são primordialmente cursos profissionais e, em conseqüência, cursos finais, não cursos-etapa. A formação de professores e pesquisadores nos Estados Unidos é realizada nos cursos de doutoramento, não de mestrado. Em certos casos, especialmente nas ciências exatas, um mestrado acadêmico pode funcionar como uma etapa, mas isto é cada vez mais raro. Na maioria dos casos o candidato inscreve-se diretamente no doutorado. Mestrado acadêmico só existe em universidades de segunda ou terceira categoria.

Na área de economia, por exemplo, nenhuma grande universidade americana possui mestrado. O pressuposto é o de que os economistas são cientistas. Não há ou não deve haver economistas "práticos" ou profissionais no sentido que estamos utilizando aqui esta palavra. Logo formam-se economistas no doutorado. É impossível inscrever-se em um curso de mestrado em economia em Harvard, no MIT, em Chicago, em Berkeley. Só em universidades de segunda linha, para alunos também de nível mais baixo. Em certos casos é possível obter o título de mestre como prêmio de consolação, quando o candidato não conseguiu escrever a tese.

Sem dúvida as grandes universidades nos Estados Unidos possuem mestrados em administração de empresas, em engenharia, em relações internacionais, em direito internacional. Mas são cursos profissionalizantes, não exigindo dissertação, e são cursos finais, não uma caminho para o doutoramento. O candidato formando nesses cursos vai trabalhar como um profissional nas empresas ou no governo, não vai ser professor universitário ou pesquisador. Os cursos podem ser alto nível. Muitos são de altíssimo nível e de grande prestígio. Não são, entretanto, cursos acadêmicos.

Em síntese, para encurtar a duração dos cursos de doutorado, para diminuir a evasão dos mestrados, e para dar à pós-graduação um papel maior na formação de profissionais de alto nível, seria necessário, além de um amplo debate, que reveja a concepção de mestrado vigente no país, admitir o reconhecimento de mestrados profissionais, onde não se exige dissertação. Reconhecimento para fins profissionais, não para fins acadêmicos, naturalmente. Isto permitiria que as universidades criassem cursos de mestrado profissionais.

Mas por que, ao invés disso, não desenvolver os cursos de especialização? Conforme observou o reitor da USP, prof. Roberto Leal Lobo Silva, há um preconceito contra esses cursos. Não há suficiente procura para esse tipo de curso, sempre visto de forma depreciativa dentro das próprias universidades. Já um curso que dê o título de

mestre torna-se muito mais atrativo. E levará as universidades, internamente, a dar-lhes mais valor.

Em segundo lugar, é necessário reconhecer mais amplamente que é possível e desejável formar doutores mais cedo, sem a obrigação de, antes, passarem por um mestrado. Para isto não são necessárias decisões formais. Basta mudar a maneira de pensar sobre o assunto. A CAPES e o CNPq, entretanto, terão que estar dispostos a conceder bolsas de doutorado no Brasil ou no exterior a quem não tem - nem pretende ter - título de mestre. Esse título não é exigido nem reconhecido pelas universidades americanas, mas hoje é uma condição para a obtenção de bolsas nas instituições brasileiras que administram bolsas de estudo.

Para quem imagina que um título de mestre é academicamente muita coisa, as idéias que acabo de expor podem parecer estranhas. Na verdade só são estranhas em função de nosso subdesenvolvimento. A partir dele desprezamos os cursos profissionais e nos concentramos em formar mestres para desempenhar funções acadêmicas ou científicas, quando para isso precisamos de doutores. Doutores melhores, em maior número, e mais cedo.